

# Momento decisivo

## O presente

Basta um ato de bondade para mudar uma vida

Por MONTY HALL, como relatado a ROBERT KIENER

**C**OMO ex-apresentador da TV canadense, faço mais de 50 *shows* de caridade por ano, e devo ter arrecadado quase um bilhão de dólares para causas justas. Em 1988, fui condecorado com a Ordem do Canadá por meu trabalho humanitário.

Muitas vezes vi que, se você lançar seu pão sobre as águas, ele retornará multiplicado. Mas há uma história que, para mim, é bastante ilustrativa. Ainda hoje ela me comove até as lágrimas.

Numa fria manhã de primavera, em 1942, Max Freed, dono de uma fábrica de camisas, a Hercules Manufacturing, voltava do trabalho com um pacote de pedidos enfiado debaixo do braço. Os negócios iam bem e Max, apesar de ter apenas 30 anos, estava se tornando um homem de negócios bem-sucedido.

Caminhando em direção ao seu escritório, ele viu um rapaz do outro lado da rua, de gatinhas, esfregando os degraus em frente à Churchill's,

uma loja que vendia roupas por atacado. O garoto lhe pareceu familiar. Freed atravessou a rua e perguntou a ele:



## Momento decisivo

– O que você está fazendo aqui?  
– Trabalho na Churchill's – respondeu o garoto. – Meu chefe me mandou esfregar os degraus.  
– Qual o seu nome? – quis saber Freed, e ele lhe disse. – Seu pai não é o açougueiro?

– É, sim – confirmou o jovem.  
Ao chegar ao escritório, Freed ligou para o açougueiro.  
– Acabei de ver seu filho lavando os degraus da empresa em frente à minha. Parece ser um rapaz inteligente. É esse o tipo de trabalho que ele escolheu fazer?

– Ele quer voltar a estudar – contou-lhe o homem –, mas eu não posso pagar.

Explicou que o filho trabalhara durante dois anos ao terminar o ensino médio, economizando para pagar a faculdade. No entanto, depois de um ano e meio na Universidade de Manitoba, o dinheiro acabou. Os negócios estavam fracos e, embora a mulher do açougueiro trabalhasse em dois empregos, a família mal tinha o suficiente para sobreviver. O salário de 9 dólares por semana que o rapaz recebia era uma grande ajuda.

– Diga a seu filho que venha falar comigo amanhã – disse Freed.

Na noite seguinte, depois de terminar seu trabalho como entregador e faxineiro na Churchill's, o rapaz magricela de 20 anos foi

encontrar-se com Freed na fábrica.  
– Você quer voltar a estudar? – perguntou Freed.

– Mais do que tudo! – o jovem respondeu.

Freed olhou-o nos olhos.

– Vou ajudá-lo a terminar a faculdade. Anote num papel a quantia de que vai precisar e traga para mim: taxa de matrícula, mensalidades, livros, tudo.

Um sorriso se abriu no rosto do garoto; não podia acreditar no que estava acontecendo. De onde tinha saído aquele anjo da guarda?

No dia seguinte, quando o rapaz mostrou seus cálculos a Freed, o fabricante de camisas examinou-os e perguntou:

– Não quer nada para você? Não almoça, não corta o cabelo de vez em quando? Vai precisar também de

roupas novas. Acrescente tudo isso.

Antes de lhe entregar o cheque, Freed disse ao rapaz:

– Existem várias condições das quais não abro mão. – O garoto sentou-se calado, os olhos bem abertos, na expectativa. – Primeiro, não deve dizer a ninguém de onde veio este dinheiro. – O garoto concordou. – Segundo, deve tirar sempre as notas mais altas; não estou mandando você para a faculdade para ser um *playboy*. Terceiro, isto é um empréstimo. Terá de me

---

Um sorriso se abriu no rosto do garoto. De onde saíra aquele anjo da guarda?

---

devolver cada centavo quando puder. E, por último, deve prometer que, um dia, fará o mesmo por alguém.

– Obrigado, Sr. Freed – agradeceu o garoto. – Não vou decepcioná-lo.

**T**ODOS os meses ele visitava Freed para relatar seu progresso. Na Universidade de Manitoba, tirou as melhores notas, esteve perto de ser o primeiro da classe e foi eleito presidente do corpo discente.

Durante três anos, Max Freed emprestou ao filho do açougueiro 990 dólares. O jovem bacharel começou a pagar a dívida assim que conseguiu o primeiro emprego depois de formado. Enviou a Freed cem dólares no primeiro ano, cem dólares no ano seguinte e o restante no terceiro ano.

Em toda a sua vida, ele jamais esqueceu o dia em que lhe deram a

oportunidade de que precisava para ter sucesso. Também se lembrou do juramento de fazer o mesmo por alguém e, desde então, tem ajudado vários jovens a estudar.

Mas havia uma promessa que o rapaz fizera a Max Freed e não podia manter. Por quase 30 anos, não revelou a ninguém a identidade do seu misterioso benfeitor. Acabou, porém, decidindo contar sua história porque achou que podia inspirar outros a ajudar alguém, e porque sentia que Max Freed merecia reconhecimento, apesar de querer ficar anônimo.

SEMPRE CONTO esta história. Ela me faz lembrar de que, não importa o que façamos na vida nem até onde subamos na escada do sucesso, no fim, seremos lembrados pela forma como ajudamos alguém menos afortunado do que nós.

Há outro motivo para eu gostar de contar esta história: eu sou o filho do açougueiro.

## APENAS UMA SUGESTÃO



Passeando de carro pela Itália, observamos que em Nápoles as leis de trânsito eram frequentemente ignoradas. Alguns carros rodavam sobre as calçadas enquanto outros avançavam os sinais vermelhos.

Mais tarde, conversando com um napolitano que acabáramos de conhecer, comentamos nosso espanto diante desse hábito.

– Vocês devem compreender – respondeu ele – que, em Nápoles, o sinal vermelho é apenas, como se diz, uma sugestão.

– JOSEPH J. LICHTMAN, *EUA*